

22 OUT 1991

*Bernardo, um peixão*

ANÉLIO BARRETO

O Boto sou eu.

Ela o procurava, tentava envolvê-lo, sibilava palavras melosas. Insinuava momentos gostosos, roçar de escamas, gordas iscas. Acenava com missões inimagináveis, mas terrenas, ou oceânicas.



Os dois viam-se diariamente, e o cardume que os cercava era insuportavelmente chato. Havia o golfinho-mor, com o narigão acusador, e peixinhos menores, os que mais incomodavam. Havia o tucunaré Berto, de uma zona francamente amazonense, procurando sempre abocanhar o melhor.

O Boto adorava o perigo. E transformava-se em moço bonito e festeiro, seduzia as moças ribeirinhas, era considerado o pai de toda criança sem pai. Era essa sua fama, sua lenda. Teria sido isso o que a enfeitiçou?

Atirou a rede em reunião palaciana, bem lá mesmo, no palácio de cristais de uma terra de suaves fantasias e tenebrôsa realidade. Acenou-lhe com a barbatana, mostrou-lhe as presas, duas, que gracinha, estrategicamente separadas. Ele, o Boto, resistir? Como, se ela procurava um pai, um protetor, alguém com quem compartilhar segredos, alguém que lhe dirimisse dúvidas? Grãos de café podem fazer bem a um peixe?

Respondeu-lhe com um biletinho: "Este seu agitar de cauda me provoca delírios.". Ela achou graça: "Imagina se fosse lido por Tino, o tubarão."

Depois, num agito de cauda a dois, vagabundeando gostosamente pelo leito do rio, ele lhe explicaria que sim, de uma certa maneira os grãos de café podem fazer muito bem a um peixe.

Veio, então, com novo problema. Deveria, como peixe-de-ferro do palácio de cristais, resolver questões espinhosas. O que fazer com a imensa dívida dos peixes-usineiros? Pagou-se a dívida, ficou a dúvida: aonde teriam ido parar aqueles 20 mi-

lhões de escamas verdinhas?

O Boto, em seus momentos de moço festeiro, fazia bem a corte: salmão, caviar...

Mas ela queria mais, sempre mais. Queria o casamento, queria povoar o fundo dos rios, dos mares, queria suas próprias ovinhas.

Marcou-se um passeio por terras em oceanos distantes — "Overseas", dizia. Tinha a incomodá-la quesitos de menor importância, como o negócio daquele palácio para peixes graúdos — 2,5% de satisfação apenas, com o tormento de estar, embora por minutos, longe de seu Boto.

— Muito prazer. Golfinho-mor.

Tudo nele era delicado, fora o narigão inquiridor. E ela trabalhando para lhe agradar.

Era preciso conter preços da Autolatinha. As sardinhas deviam ter mais conforto, ter acesso à modernidade. Daquele jeito não, com latinhas que mais pareciam caramujos.

— Já não posso de saudades.

— Não sei como vou suportar.

Desligou-se do palácio de cristais. Berto, o tucunaré, levava a melhor. Mas ela poderia agora viver apenas para o seu peixão.

Para "overseas" foram então, passeando por rios de França, saboreando armagnacs finíssimos. Agora, sim, o casamento viria, suas ovinhas viriam enfim ao mundo dos peixes. Mas veio, então, a surpresa terrível: nem um biletinho, e bem que ela os procurou dentro do armário, no espelho do banheiro, embaixo do travesseiro. Deixou uns trocados para despesas e partiu. O Boto se fora.

Bem quando ela se sentia inebriada de amor, os peixes-jornalistas cercando-a por toda a parte, perguntando sobre o casamento, as ovinhas.

Ficavam na lembrança os conselhos sobre o café, as confidências sobre os 20 milhões de escamas verdes, os 2,5% de satisfação, apenas 2,5%.

Sim, era tudo profundamente injusto.

Que pena.

Anélio Barreto é jornalista